

IGREJA EVANGÉLICA “SEM NOME”. UM ESTUDO DE CASO EM CAMAPUÃ – MS.

GASPARINI, Eraldo Luis Pagani (UFMS/Coxim)

O Censo do IBGE de 2000 revelou um aumento significativo dos evangélicos no Brasil de 9% em 1991 para 15,4% da população em 2000¹. Estes números revelam uma mudança na sociedade brasileira no campo religioso, onde o monopólio da fé, que pertencia a Igreja Católica Apostólica Romana, é agora partilhado por outros segmentos do Cristianismo, tornando essa sociedade mais pluralista no campo religioso. O que esses dados não revelam, e por isso se faz necessário a pesquisa, é que o comportamento da população frente a religião também mudou. Os evangélicos com seus sistemas de governo eclesiástico congregacional e presbiteriano ou conciliar, que permitem a escolha de líderes pela comunidade, possibilitou uma nova visão do clero, bem como uma nova relação com ele. Ao contrário do sistema episcopal, adotado pela Igreja Católica Apostólica Romana, estes sistemas de governo possibilitam o questionamento da conduta do clero, bem como a sua remoção caso a comunidade sinta-se insatisfeita com o mesmo. E mesmo se uma igreja evangélica adote o sistema de governo episcopal, a comunidade, ou parte dela, pode muito bem ter a liberdade de sair desta e instituir uma nova liderança sobre si. Esta liberdade, associada à cultura brasileira de tolerância religiosa, permite o florescimento de novas e inúmeras denominações religiosas evangélicas e não somente isto, mas também o surgimento de novas expressões de fé. Como apontou Dominique Julia: “As mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de idéias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso”². E é isto a que se propõe este trabalho, o de analisar o caso de uma igreja evangélica sem nome na localidade de Camapuã no Mato Grosso do Sul.

A cidade de Camapuã localiza-se na região norte do Estado de Mato Grosso do Sul e possui uma população estimada em 14.319 habitantes e sua economia é baseada na agropecuária, possuindo grandes fazendas de criação de gado de

¹ Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

² JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs). *História: Novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 106.

corte³. A Rodovia Federal BR 060, ao cortar a cidade de Camapuã, recebe o nome de Avenida Pedro Celestino, nesta avenida no nº 40, próximo a ponte do rio que atravessa a cidade, em frente à Empresa de Saneamento do Estado do Mato Grosso do Sul (SANESUL), fica o escritório de uma fazenda administrada pelo Sr. Gilvan. O mesmo reside aos fundos com sua família e nas noites de quarta e domingo, a garagem situada ao lado do escritório, torna-se local de culto. Ao entrar vêem-se cadeiras de plásticos dispostas em fileiras, com um corredor ao meio. Duas bandeiras pendem a frente, sendo uma do Brasil e outra do Estado de Israel. Vemos aí a estrutura dos símbolos apontada por Mircea Eliade, "um dos traços característicos do símbolo é a simultaneidade dos sentidos que ele revela"⁴, sendo assim a bandeira de Israel simboliza a atual nação de Israel, mas também no sentido religioso o povo eleito de Deus. Há um pequeno púlpito móvel, microfones, caixa de som e um teclado. O culto começa com uma pequena palavra de abertura pelo Sr. Gilvan, segue-se um momento de oração e logo após um período de cânticos de louvor regido por sua esposa. Após o término deste período, o Sr. Gilvan passa a pregação, com a explanação de um texto bíblico. O término do culto se dá com avisos e pedidos de oração. Tudo idêntico a uma igreja evangélica qualquer, não fosse o fato de ela não ter nome, estatuto, livro ata, não possuir CNPJ ou ser oficializada. O Sr. Gilvan é tratado pelos membros dessa "igreja" ou comunidade como o Pastor Gilvan, embora ele mesmo não se declare Pastor; não há recolhimento ou exigência de dízimos, embora os membros o ofertem espontaneamente. Esta igreja encontra-se funcionando dessa maneira a cerca de mais de três anos e sua assistência aos cultos, em dia de domingo, chega a mais cem pessoas.

Esta pequena "Igreja sem nome" levanta questionamentos como: O que leva essas pessoas a se organizarem numa igreja sem denominação? Por que essa preferência? Por que não se filiam a denominações evangélicas já existentes? Um percurso histórico teria que ser traçado mostrando porque essas opções foram tomadas, pois as mesmas apontam um aparente descrédito para com as instituições evangélicas existentes, citando novamente Dominique Julia:

³ Fonte: IBGE – Cidades@.

⁴ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 367.

gestos objetivos e crenças subjetivas: dissociação que começou no momento em que a fragmentação de um mundo cristão unitário em várias confissões acarreta um descrédito das verdades doutrinárias que se opõem umas as outras e traz o registro objetivo para a adesão publicamente manifesta ao grupo religioso. Do fato da decadência de valores, o critério da fé foi menos... a assimilação interior de uma verdade do que uma série de comportamentos capazes de atestar uma dependência social.⁵

Infelizmente esse é somente um caso e este trabalho um pequeno esboço de pesquisa; para responder essas questões seria necessário fazer um levantamento junto a outros casos iguais, colher dados quantitativos e qualitativos junto a essas comunidades, se elas existirem em outras partes, compara-los e sistematiza-los. Esse é um caso, mas Carlo Ginzburg partiu de um único caso, um processo de inquisição, a análise do cotidiano e as idéias de um moleiro no século XVI, para comprovar a sua tese de circularidade cultural⁶. A sociedade brasileira na sua atual conjuntura faculta este aflorar de novas experiências religiosas ao possibilitar que um grupo de pessoas que se identificam como evangélicos organizem uma igreja de maneira denominacional (sem nome), informal e não institucional.

REFERÊNCIAS

CARDOS, Ciro F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

IBGE – Cidades@.

IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs). *História: Novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

⁵ JULIA, Dominique. *Op Cit*, p.112.

⁶ HERMANN, Jacqueline, História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOS, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 343.